

## **O calendário dos telejornais locais da TV Globo como instrumento de cobrança para melhoria dos problemas de infraestrutura de saúde dos municípios <sup>1</sup>**

Bianca OLIVEIRA<sup>2</sup>

Eduardo SANTOS<sup>3</sup>

Luís BOAVENTURA<sup>4</sup>

Centro Universitário Maurício de Nassau – Recife - PE

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar e analisar a forma que os telejornais locais da TV Globo utilizam o calendário como um meio de cobrar das autoridades melhoras na infraestrutura das cidades. Durante a pesquisa foram observados os assuntos das notícias exibidas e a quantidade de problemas mostrados como resolvidos, bem como a presença de pautas relacionadas à saúde. O trabalho aborda ainda como a mídia colabora para a promoção da saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; Calendário; TV Globo; Serviço Público; Saúde.

### **INTRODUÇÃO**

O Brasil é um país onde muitos serviços são oferecidos gratuitamente pelo Estado e assegurados ao cidadão pela Constituição Federal de 1988. De acordo com o Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

O Sistema Único de Saúde (SUS) é um desses serviços gratuitos que é disponível para todos os cidadãos brasileiros. Para grande parte da população, essa é a única forma de conseguir atendimento médico. A crise econômica que o país enfrenta desde 2015 fez

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 1 - Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Bianca Oliveira - aluna do 7º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Maurício de Nassau, aluna bolsista do Projeto de Iniciação Científica da Uninassau – [biancaoliveira.jornalismo@gmail.com](mailto:biancaoliveira.jornalismo@gmail.com)

<sup>3</sup> Eduardo Santos - aluno do 8º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Maurício de Nassau – [eduh.santos2014@gmail.com](mailto:eduh.santos2014@gmail.com)

<sup>4</sup> Luís Boaventura - orientador deste trabalho. jornalista e mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, pela UFRPE. Professor do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau - [boaventura84@gmail.com](mailto:boaventura84@gmail.com)

com que muitos brasileiros que possuíam plano de saúde migrassem para o SUS, o que aumentou ainda mais a demanda e importância do sistema.

O artigo 196º da Constituição brasileira de 1988 que foi inspirado pela atribuição da OMS aos governos para “alcançar saúde para todos” diz: "A saúde é um direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco à doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 1988).

O acesso pleno à informação sobre sua saúde, também é um dos direitos do brasileiro. Uma das formas de garantir esse acesso é pelo jornalismo, especialmente do jornalismo veiculado através da televisão. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) de 2016, 79% da população afirma que tem na televisão o principal meio para se informar. O que torna a TV uma peça fundamental nessa relação entre o poder público e a população.

A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como "jornalismo de serviço". Por extensão, tornam-se objetos privilegiados de cobertura jornalística, vigilância e crítica, as políticas públicas de saúde dirigidas a grupos populacionais, como as campanhas de prevenção da AIDS ou de detecção do câncer da mama. (KUCINSKI, 2000 p. 03)

Partimos do pressuposto que a cobertura jornalística, especialmente na televisão, deve privilegiar temas como políticas públicas de saúde; e, também, cobrar das autoridades competentes quando o que foi prometido não está sendo feito. Nesse sentido, foi realizada a análise dos telejornais do horário do meio-dia das cinco emissoras praças da TV Globo (em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em Brasília e no Recife) que tem pautas diárias sobre assuntos da comunidade.

Trabalhamos com a hipótese de que essas pautas contribuem para as denúncias de problemas dentro das comunidades, sejam eles relacionados a saneamento básico, limpeza e conservação de áreas de convivência, entre várias outras demandas de ordem pública que um bairro possa ter. Ou, com relação a saúde, problemas de infraestrutura nas Unidades de Saúde da Família (USF) ou nos hospitais, falta de vacinas, atendimentos ou medicamentos. A intenção é verificar, através de metodologias científicas, quanto espaço

---

é dedicado às pautas de saúde nessas cobranças e, por consequência, observar o comprometimento dos órgãos públicos com os casos acompanhados.

Uma das formas que a praça Recife da TV Globo encontrou para acompanhar essas demandas da comunidade foi o quadro “Calendário”. Em que a comunidade envia sua reclamação para a emissora que envia uma equipe ao local para mostrar o problema. Eles ainda procuram o órgão competente para dar a resposta, bem como uma previsão para a solução da demanda. Feito isso, é marcada a data que representa a volta da equipe ao local para verificar se o problema foi solucionado ou não. O calendário físico fica com um representante da comunidade e também há a marcação no calendário virtual, no estúdio.

### **Metodologia**

A presente pesquisa é fruto do Projeto de Iniciação Científica com financiamento do Centro Universitário Maurício de Nassau e possui caráter predominantemente quantitativa, mas também utiliza elementos qualitativos. Quanto aos objetivos, pode ser classificada como descritiva pois, de acordo com os conceitos de Barros e Lehfeld nesse tipo de pesquisa, “o pesquisador apresenta o objeto de pesquisa, procurando descrever e demonstrar como um determinado fenômeno ocorre, quais são suas características e relações com outros fenômenos” (BARROS; LEHFELD apud FARIA; CUNHA; FELIPE, 2011 p. 42).

O trabalho inclui a revisão bibliográfica de conceitos ligados ao jornalismo comunitário e ao jornalismo para promoção de saúde e a análise dos quadros comunitários de cinco telejornais vespertinos da Rede Globo: SP1, RJTV 1º Edição, MGTV 1º Edição, DFTV 1º Edição e NETV 1º Edição<sup>5</sup>.

O período escolhido para a análise foi o mês de junho do ano de 2017. Durante este intervalo de tempo foram assistidas e analisadas 26 edições do SP1, o que totalizou 21 horas e 48 minutos; 26 edições do RJTV 1º Edição, o que totalizou 21 horas e 30 minutos; 26 edições do MGTV 1º Edição, o que totalizou 25 horas e 05 minutos; 25 edições do DFTV 1º Edição, o que totalizou 17 horas e 11 minutos; e 26 edições do NETV 1º Edição, o que totalizou 18 horas e 48 minutos. Ao todo foram analisadas 129 edições dos cinco telejornais, gerando uma robusta amostra de 104 horas e 22 minutos.

---

<sup>5</sup> O telejornal passou a se chamar NE 1 no dia 23.01.2018

De todas as edições, apenas em 17 do RJTV e em 11 do NETV constatou-se a presença do calendário. A partir disso, foram categorizados os temas que mais levam o telejornal para a comunidade e observado o espaço que as pautas de saúde ocuparam dentro dos quadros e os formatos de notícia que mais são utilizados.

A partir da ausência do calendário no período analisado nos telejornais: SP1, MGTV 1ª Edição e DFTV 1ª Edição, a análise dos mesmos foi descartada desta pesquisa, ficando a falta do calendário apenas para constatação e registro.

### **Jornalismo Comunitário**

O fazer jornalismo comunitário, para além de reportar, exige que o repórter se envolva. Torne-se a voz da população. Diante da carência/ausência dos serviços públicos enfrentados diariamente pelos milhares de brasileiros, o jornalismo se caracteriza como um consolidador da cidadania. Essa representatividade é parte importante nesse processo de comunicação, afinal é uma forma precisa de se cobrar soluções e expor demandas que dificilmente entrariam na agenda pública de outra forma. Uma comunidade precisa expressar publicamente seus interesses e reivindicar seus direitos. “O jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social” (PENA, 2005, p.185/187).

O desafio social de garantir que políticas públicas sejam aplicadas e garantidas aos cidadãos é um dever diário que se estende à vários âmbitos. Essa missão passa pelas prefeituras, serviço social e chega até à comunicação. Infelizmente, o cenário atual do país é difícil. Problemas generalizados são encontrados desde a infraestrutura até à saúde pública. A busca pela informação, por parte da população, e o espaço dela nos telejornais comunitários é algo crucial. Indispensável, uma vez que a possibilidades de criar-se uma agenda pública é capaz de solucionar muitos problemas.

O agenda-setting é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são os poderosos papéis do *agenda-setting* (VIZEU, 2005, p.78)

Segundo Flausino apud Freitas, (2006 p. 14) o acompanhamento dessas denúncias é algo preciso. Apenas a apresentação dos problemas não é capaz de solucioná-los. Neste

---

sentido, precisa-se de uma estratégia de cobrança, como é feito nos Calendário do NETV e no RJ Móvel.

O jornalismo de serviço não só constrói a realidade discursivamente, mas também busca se apresentar como uma instância de intervenção no cotidiano de seus participantes através da cobrança das denúncias os órgãos públicos responsáveis (FIGUEIREDO-SOBRINHO, 2014 p. 225).

É preciso medir os esforços, ou seja, dar atenção necessária aos assuntos mais importantes. Será que esses espaços na mídia são dedicados aos assuntos realmente importantes? Têm-se uma linha tênue entre os benefícios e efeitos adversos nesse tipo de comunicação. O Rio de Janeiro e Pernambuco são Estados que sofrem com o caos na saúde pública. No restante do Brasil a situação não é tão diferente e a mídia deve ser um instrumento que assegura os direitos à saúde, conforme consta na Carta de Intenções publicada após a Primeira Conferência Internacional sobre promoção de saúde.

Os pré-requisitos e perspectivas para a saúde não são assegurados somente pelo setor saúde. Mais importante, a promoção da saúde demanda uma ação coordenada entre todas as partes envolvidas: governo, setor saúde e outros setores sociais e econômicos, organizações voluntárias e não-governamentais, autoridades locais, indústria e mídia. As pessoas, em todas as esferas da vida, devem envolver-se neste processo como indivíduos, famílias e comunidades (OMS, 1986).

Desta forma, o engajamento do jornalismo comunitário é para que os casos acompanhados também sejam compromisso dos gestores públicos. O que Paim (2006, p. 41) explica que “podem facilitar a construção de uma agenda comum entre gestores, pesquisadores e cidadãos, criando as condições para que, de forma permanente, o sistema de saúde aproxime-se mais dos indivíduos, torne-se mais humano, solidário e, sobretudo, mais resolutivo”. Ao tratar do assunto nos telejornais, e pautar a temática para a conversa das pessoas, o telejornal também torna-se um espaço para produção de saúde.

### **O Telejornalismo Local das Cinco Emissoras Globo**

Fundada em 1965, a TV Globo tem uma trajetória de mais de 50 anos de jornalismo. Essa longa caminhada tem tornado a emissora uma das maiores referências do jornalismo no Brasil e no mundo. A sua programação é transmitida para 98% do país

---

por 122 emissoras, dentre elas, cinco praças principais. Por meio da Globo Internacional, esse conteúdo também tem alcance em mais de 100 países (MEMÓRIA GLOBO).

Sempre atento às novidades no ramo das comunicações, Roberto Marinho inaugurou, em 26 de abril de 1965, a TV Globo, Canal 4 no Rio de Janeiro. Em poucos anos transformou-se na Rede Globo de Televisão; no ano seguinte foi inaugurada a TV Globo São Paulo; em 1968, a TV Globo Belo Horizonte; e no início da década de 1970, foram ao ar emissoras em Recife e Brasília. Com cinco emissoras próprias e 117 afiliadas, a Rede Globo chega atualmente a praticamente 100% do território nacional, atingindo 5.485 municípios e 99,5 % da população. (MEMÓRIA GLOBO)

As cinco praças da Rede que fazem coberturas locais são: Globo Brasília; Globo São Paulo; Globo Minas; Globo Rio; e Globo Nordeste. Cada emissora tem seus próprios telejornais locais, são pelo menos três em cada uma. Nosso objeto de pesquisa são o telejornais da hora do almoço, chamados de ‘Praça’ TV Primeira Edição.

O DFTV Primeira edição, telejornal da TV Globo em Brasília vai ao ar, como os das outras praças, de segunda à sábado, por volta das 12h. Em 2009 incluiu o quadro Redação Móvel (MEMÓRIA GLOBO). A programação do referido quadro é dirigida às regiões administrativas do Distrito Federal-DF e dá ênfase ao descontentamento dos habitantes das cidades satélites, em relação à saúde, transporte público, segurança pública, praças e parques, além de fazer cobertura de eventos. A Redação Móvel tem a atuação direta da comunidade. Para visitar as regiões, os repórteres contam com um veículo que tem a estrutura de uma redação onde são editadas as reportagens. O quadro não possui calendário para marcar data de volta nos locais.

A Redação Móvel se tornou um quadro fixo no telejornal. Investiga e denuncia os mais diversos problemas, como condições irregulares de espaços e serviços públicos, no intuito de cobrar soluções das autoridades responsáveis. Os repórteres Bernardo Menezes, Camila Guimarães, Kenzo Machida, Maria Fernanda, Márcia Witczak, Lívia Veiga e Flávia Marsola participaram do quadro. (MEMÓRIA GLOBO)

O SPTV é o telejornal do meio-dia de São Paulo “dura 45 minutos e, além de fazer a cobertura das notícias do dia, conta com entrevistas no estúdio e a participação de comentaristas” (MEMÓRIA GLOBO). As informações diárias são repassadas aos paulistas pelos repórteres que também enfatizam questões comunitárias pelo Globo Cidades. As equipes mostram a insatisfação do povo e o descaso do governo com a

população, denunciando os pontos negativos. Mostrando os problemas enfrentados diariamente, o quadro aborda várias questões. O telejornal chegou a ter o quadro SPTV Comunidade que tinha Márcio Canuto como o ‘fiscal do povo’ e marcava uma data no calendário para voltar e verificar se o problema mostrado tinha sido resolvido pelas autoridades (MEMÓRIA GLOBO), mas no período analisado, apenas foi encontrado o Globo Cidades.

Em Minas Gerais, o telejornal que vai ao ar às 12h é o MGTV Primeira edição. O telejornal dá espaço a assuntos comunitários por meio da participação do público da seguinte maneira: o telespectador envia um vídeo mostrando problemas como buracos, etc. Então, a equipe do MGTV vai até o local para mostrar o caso, porém não há marcação de calendário.

No Rio de Janeiro, encontramos o RJTV Primeira edição que foi ao ar pela primeira vez em janeiro de 1983 e se voltou para o perfil comunitário em outubro de 1999 (MEMÓRIA GLOBO). Os repórteres deixam os fluminenses informados do que acontece no estado. O quadro voltado para assuntos de comunidade é o RJ Móvel que conta com um automóvel com estrutura de redação. Por esse quadro, a equipe expõe a insatisfação dos moradores das cidades e bairros a fim de pautar a agenda pública e fazer com que os responsáveis resolvam os problemas. Eles usam como parte integrada um calendário que para marcar uma data de volta para verificar se o problema foi solucionado.

A Globo Nordeste conta com o NETV Primeira edição para manter a população informada sobre os assuntos locais. O Calendário é o quadro responsável por acompanhar a população da Região Metropolitana do Recife na cobrança por melhorias e resoluções de casos como estradas esburacadas, obras públicas paradas, falta de água, problemas na saúde pública entre outros. Por meio de um calendário, assim como no RJ Móvel, eles marcam uma data para voltar e fiscalizar, cobrando respostas e soluções das autoridades, para os problemas em questão. Figueiredo – Sobrinho (2014) critica

A existência de quadros como o calendário do NETV é fruto de, por um lado, oportunismo de emissoras de televisão que veem no modelo um mecanismo na luta por audiência e uma oportunidade de acumularem capital simbólico; e, por outro lado, é resultado da ineficiência do poder público não apenas em garantir direitos da cidadania, mas também em garantir mecanismo de participação popular nas decisões governamentais (FIGUEIREDO-SOBRINHO, 2014, p. 225).

---

Apesar de todos esses telejornais possuírem em sua linha editorial diária assuntos relacionados à comunidade e objetivem mostrar problemas enfrentados pela população, pautar a agenda pública e tentar resolvê-los, apenas o NETV e o RJTV adotaram, até o momento, um calendário para marcar uma data de volta e verificar o resultado da denúncia firmando assim, a responsabilidade com a população. Por isso, esses dois telejornais serão delimitados como objetos principais deste estudo.

### **Tá Marcado no Calendário do NETV**

Em 2009, o NETV Primeira Edição trouxe para a sua linha editorial um instrumento que prometia mudar a relação entre o telejornal e o público. Nascia então o Calendário que descendia outros quadros do gênero: Em conversa por e-mail, a diretora de jornalismo da Globo Nordeste, Jô Mazzarolo, conta a trajetória do Calendário no NETV 1ª edição.

Começamos copiando o Bairro que Eu Quero, da praça Rio, de março de 2001 a setembro de 2003. Depois criamos aqui o Vida Real. Mostrávamos um lado positivo e um lado ruim da comunidade entre 2007 e 2009. Em fevereiro de 2009 começamos a mostrar o calendário na tela (como arte). No dia 22 de abril de 2009 criamos o calendário de papel e passamos a entregar ao morador que ligava pra TV. [O Calendário em sua forma atual] foi criado por mim aqui, sim. A praça Rio começou a usar o calendário em 04 de maio de 2010. (MAZZAROLO, Jô. Calendário do NE 1 [mensagem pessoal]. 2018)

Com a invenção do calendário como instrumento de cobrança do telejornalismo pela na TV Globo Nordeste, foi estabelecida uma relação de compromisso com o telespectador (MEMÓRIA GLOBO). O calendário tem o perfil de jornalismo comunitário e a maioria de suas pautas são voltadas para esse tema.

No ar, o calendário se apresenta com a intenção de: atender à reclamação da comunidade afetada pela falta ou inconsistência de um serviço público que deveria ter sido resolvido por alguma autoridade, e ao retratar isso por meio de uma reportagem ou um ao vivo, cobrar uma resposta da autoridade responsável por sanar o problema da comunidade e marcar uma data em um calendário que pode ser físico ou virtual para voltar e verificar se o problema foi resolvido como prometido.



Fotos 01 e 02: Reprodução de ‘ao vivos’ do NETV Primeira Edição quando o calendário é marcado pela própria população a partir data prometida pela instituição pública responsável em solucionar o problema.

A análise feita no período de junho de 2017 mostrou que o calendário foi marcado 11 vezes durante o mês, para mostrar os seguintes problemas: quatro vezes para esgoto; outras quatro para problemas de buracos em vias públicas; duas vezes para obras paradas; e um caso de falta de água.

O tom dado às matérias é de denúncia e, geralmente quando a autoridade concede entrevista, os repórteres costumam cobrar de forma dura, relatando o sofrimento da população e dando ênfase na cobrança de uma data para que o problema esteja solucionado. Vale ressaltar que não existe um repórter específico escalado para a cobertura das pautas do Calendário.

Os municípios que apareceram nas ocorrências reclamadas foram: o Recife, 4 vezes; Jaboatão dos Guararapes, 2 vezes; Olinda, 2 vezes; Camaragibe 1, vezes; e São Lourenço da Mata, 1 vez<sup>6</sup>. No mês da análise (junho de 2017), um caso de pavimentação de uma rua no bairro Vila da Fábrica, em Camaragibe foi solucionado pela prefeitura e recebeu o carimbo de resolvido.

Apesar da precisão com que se expõem os problemas enfrentados pela população e cobram-se soluções, poucas pautas cobrem a área da saúde, na análise, apenas uma cobrança faz menção ao tema. Essa cobria uma denúncia sobre uma unidade de saúde que poderia servir à população do bairro de Jardim São Paulo, Zona Oeste do Recife, mas que foi fechada em 2013 para se tornar um posto de saúde e que até o então momento, as obras não tinham sido acabadas. Além de tudo, a obra parada estava ajudando na proliferação de mosquitos. A volta foi marcada no calendário para o dia 16 de outubro de 2017. Em nota, a prefeitura disse que concluiria a obra em quatro meses.

<sup>6</sup> Ressaltamos que em uma das pautas não contabilizada acima, na lista de municípios, a equipe foi cobrir uma área de limite entre municípios. Nesse caso foi uma questão de esgoto que ficava entre Recife e Jaboatão dos Guararapes.

## Quando a Redação Vai à Comunidade – RJ Móvel

O portal Memória Globo (2017) esclarece que a criação do RJ Móvel foi uma das consequências de uma mudança editorial. Sua estreia foi em agosto de 2007. A apresentação do quadro já foi comandada por Vandrey Pereira, Mariana Gross e Mila Burns. Desde 2011, o quadro é apresentado pela repórter Susana Napolini. Com relação ao calendário físico, começou a ser utilizado em maio de 2010 (MAZZAROLO, Jô. Calendário do NE 1 [mensagem pessoal]. 2018).

Pela análise das reportagens no ar, percebe-se que o RJ Móvel dispõe de estrutura própria, que inclui um automóvel com equipamento de edição e de transmissão ao vivo. Durante os 26 dias analisados o RJ Móvel pareceu em 17 deles, e as matérias foram feitas em diversas cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Fotos 03 e 04: Reprodução do quadro Redação Móvel do RJTV 1ª edição quando a repórter Susana Napolini está a caminho da comunidade e a marcação no calendário da produção do telejornal.

Com relação as pautas, os temas mais abordados foram, sobre problemas nas comunidades, com uma presença maior de problemas em pontes/passarelas, que representaram 05 matérias do total de 17 do mês analisado. A segunda categoria mais presente foi Praça / parques (problemas), com 04 matérias ao todo.

O “tom” do quadro é mais leve, bem-humorado do que o do NETV. A repórter, Susana Napolini, normalmente brinca com os moradores. Mostra aproximação, como se pertencesse à comunidade em que está visitando no dia. Porém, todo esse bom-humor não impede que as devidas cobranças às autoridades competentes sejam feitas e que o dia da volta seja marcado no calendário.

As datas de volta normalmente são marcadas antes do prazo final estipulado pela instituição responsável em resolver o problema com o objetivo de acompanhar o andamento das obras. Em quatro edições, a demanda da comunidade foi resolvida e o calendário ‘fechado’.

Foi observado que o quadro não incluiu – no período analisado - pautas relacionadas a questões de saúde. Estas, aparecem no decorrer do telejornal em si. Como, por exemplo, protestos de profissionais da área devido a atrasos em seus salários e também houve matérias sobre fechamento de unidades de saúde ou partes de hospitais devido à falta de verba para manter os respectivos locais abertos, mas nesses casos não houve marcação de calendário para que o caso continuasse a ser acompanhado. Os dois assuntos foram recorrentes pois o estado do Rio de Janeiro está passando por uma forte crise econômica desde 2016.

### **Considerações Finais**

A análise da primeira edição dos telejornais das cinco emissoras praças da TV Globo, com ênfase no NETV e no RJTV para atender aos objetivos desse estudo, mostrou que o telejornalismo comunitário possui grande relevância para a população, que participa fazendo a denúncia e relatando as dificuldades enfrentadas.

Essa importância se dá, uma vez que mediar é uma das principais funções do jornalismo. Nesse sentido, observamos que as equipes do NETV e do RJTV fazem esse intermédio entre o povo e o governo, porém muitas vezes sem o resultado esperado.

Isso pôde ser percebido na quantidade de resoluções exibidas no período estudado (o mês de junho de 2017). No NETV, de 11 edições, apenas uma mostrou um caso resolvido. Já no RJTV foram quatro resoluções em 17 edições do quadro. Nos dois casos estudados a taxa de resolubilidade estimada em pouco mais de 17%.

Considerando que o NETV primeira edição é um dos principais telejornais de Pernambuco, consideramos 11 um número pequeno de edições para o único quadro comunitário do telejornal que representa 5.305.665 habitantes de 54 municípios, onde problemas não faltam. São diversas comunidades desprestigiadas pelo poder público.

Em relação às pautas sobre problemas ligados à saúde, que é o foco dessa pesquisa, o espaço dado a ela dentro do Calendário do NETV é mínimo. Foi observada apenas uma menção dentro de 11 edições. Percebemos ainda durante a análise, que uma pauta de saúde se encaixava perfeitamente no perfil do Calendário não foi tratada como tal pelo telejornal.

Com relação ao RJ Móvel, não teve calendário para assuntos de saúde e as pautas sobre o tema aparecem apenas dentro do telejornal. Precisa-se considerar que o Estado do Rio de Janeiro enfrenta uma forte crise econômica desde 2016 e uma das áreas mais

afetadas é a saúde. Diariamente vemos na mídia a informação que hospitais e unidades de saúde estão fechando, além de greves e protestos de médicos que estão ocorrendo em todo o estado. Esses são os principais assuntos que o RJTV cobre. Foi percebido que o quadro não tem uma boa taxa de resoluções para os problemas da comunidade.

Tanto o Calendário do NETV, quanto o RJ Móvel, podem auxiliar nas resoluções dos problemas da saúde, afinal essa é um grave problema na ausência dos serviços públicos para as comunidades, já que aparece de outras formas durante o telejornal. Surge então um questionamento que abre leque para expansão desta pesquisa: Por que os referidos quadros não dão o devido espaço para as questões da saúde? Afinal, a promoção da saúde é uma responsabilidade do poder público com a mídia (OMS, 1986). Concluímos que o potencial dos quadros em auxiliar e resolver assuntos relacionados à saúde pública foi drasticamente reduzido.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Título VIII. Capítulo II; Seção II: **Da Saúde**. Art. 196º  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) > Acesso em: 17 abr. 2017

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Capítulo II - **Dispõe dos direitos Sociais**. Art. 6º. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 09 jan. 2018

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Saúde**. 2015. Disponível em:  
<<http://www2.planalto.gov.br/noticias/2015/06/sus-e-referencia-para-a-maioria-dos-brasileiros-mostra-pesquisa>> Acesso em: 17 abr. 2017

BRASIL. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia** -hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em:  
<<http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1360136/Anexo+Adicional+IV+-+Pesquisa+SECOM+m%C3%ADdia.pdf/42cb6d27-b497-4742-882f-2379e444de56>> Acesso em: 09 jan. 2018

FARIA, Ana Cristina de; CUNHA Ivan da; FELIPE, Yone Xavier. **Manual prático para elaboração de monografias: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 5ª ed. São Paulo. Vozes, 2011. 88 p.

FIGUEIREDO-SOBRINHO, C. P. de. **JORNALISMO DE SERVIÇO: Política, Discurso, Representação e Participação em Disputa**. 2014. 241f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

FREITAS, Viviane Belizario de. **O papel social do jornalismo comunitário: Um estudo do Jornal Cantareira**. 2006. 53f. Monografia (Conclusão do curso) - Centro Universitário Nove de Julho. São Paulo.

---

**HERSCOVITZ, H. G.** Análise de Conteúdo em jornalismo. In: Metodologia de pesquisa em jornalismo / organizadores: Cláudia Lago, Márcia Benetti – 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 286 p.

**KUCINSKI, Bernardo.** Jornalismo, saúde e cidadania. Interface (Botucatu). Botucatu, v. 4, n. 6, p. 181-186, fev. 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832000000100025>> Acesso em: 17 abr.2017.

**MAZZAROLO, Jô.** **Calendário do NE 1** [mensagem pessoal]. Recebida por: <boaventura84@gmail.com> em 19 fev. 2018

**MEMÓRIA GLOBO. DFTV.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/dftv/dftv-df-movel.htm>> Acesso: 15/02/2018.

**MEMÓRIA GLOBO. NETV: quadros e colunas.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/netv/netv-quadros-e-colunas.htm>> Acesso em: 15/02/2018.

**MEMÓRIA GLOBO. Perfis e depoimentos.** Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/roberto-marinho-9055075>> Acesso: 15/02/2018.

**MEMÓRIA GLOBO. RJTV / RJ Móvel.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/rjtv/rjtv-rj-movel.htm>> Acesso em: 13 nov. 2017.

**MEMÓRIA GLOBO. SPTV Comunidade.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/sptv/sptv-sptv-comunidade.htm>> Acesso em: 15/02/2018.

**MEMÓRIA GLOBO. SPTV.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/sptv/formato.htm>> Acesso em: 15/02/2018.

**OMS. Carta de Ottawa: Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde.** Canadá, 1986.

**PAIM, J. S;** **Desafios para a saúde coletiva no século XXI.** Salvador, Edufba, 2006.154 p.

**PENA, Felipe.** **Teoria do Jornalismo.** São Paulo, Contexto, 2005. 240 p.

**VIZEU, A.** **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 142 p.

**WOLF, Mauro.** **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Presença, 1999. 144 p.